

Meu pai é Ahab

Por Valdênio Menezes

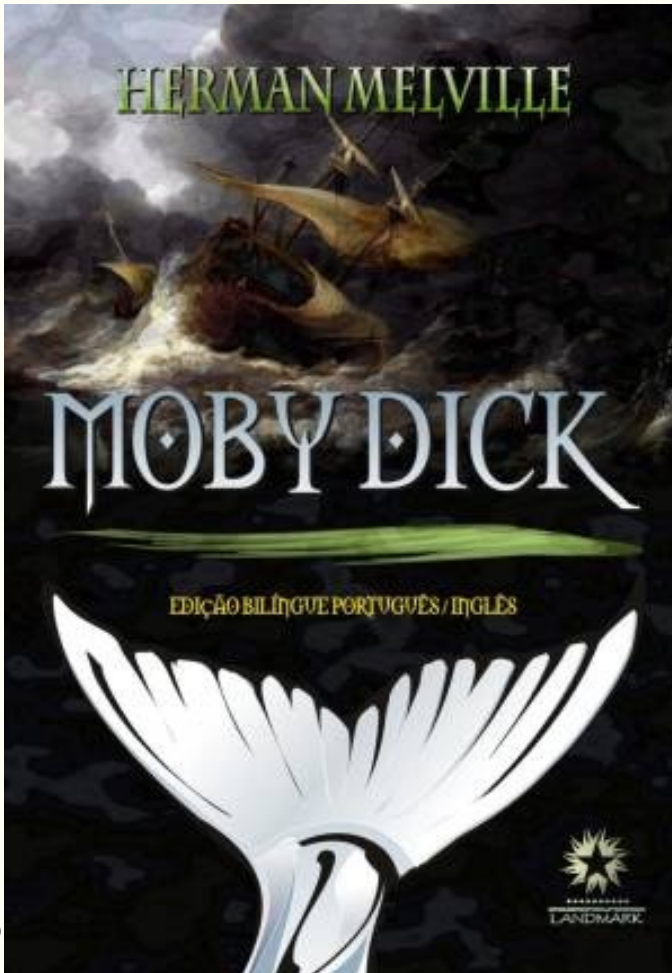


Imagem do site da Livraria Cultura

Desde que li Moby Dick, fiquei admirado com a poderosa presença do Capitão Ahab. O capitão do mais famoso livro já escrito sobre pesca move o destino da tripulação do navio Pequod não apenas para caçar baleias e retirar o valioso óleo (o livro é heroicamente incorreto para os dias de hoje) mas para conseguir matar a gigante baleia branca que atacou seu antigo navio e o deixou com a perna amputada.

Meu pai não anda com uma perna de marfim nem nunca pescou nada, mas por vezes o imagino como uma versão adaptada de um Capitão Ahab. Uma certa monomania misturada com serenidade, olhar congelado, obstinado, sempre planejando um grande destino que apenas ele compreende o motivo de tanto querer alcançar.

E onde estaria a gigante baleia branca

a ser destruída? Da minha parte, sou um tripulante do navio baleeiro que meu pai construiu sob as inúmeras instruções de navegação de que a “vida é dura” ou “se eu não lhe ensinar como o mundo é o próprio mundo vai lhe ensinar”. Aí vão também reclamações na maneira de comer, na maneira de vestir, no meu cabelo que era maior há um tempo atrás.

O “mundo que vai fazer você aprender” talvez seja o enorme e feroz cetáceo branco a ser enfrentado. Em Moby Dick há muitas metáforas que parecem que a baleia branca é um castigo de Deus para o ódio e a vingança que movem a viagem do navio do capitão protagonista do livro. Mas o capitão Ahab paterno que eu tenho não move seus destinos por ódio, nem vingança e sim por razões ocultas que só ele poderia dizer mas que talvez jamais diga.

Esta reflexão não é resultado de nenhuma kafkaniada sobre um pai autoritário. Trata-se de uma homenagem. Quando se lê Moby Dick, de longe a figura mais admirável é a do Capitão Ahab. Apesar da história não ser narrada pelo capitão e sim por um de seus tripulantes (chamado Ishmael), logo quando aparece, a figura de Ahab toma toda a atenção do texto, en-

volvendo os personagens dentro de sua esquizofrênica cruzada nos mares para matar a enorme baleia branca.

Deixo como principal comparação entre Ahab e meu pai o fato de serem figuras masculinas admiráveis que talvez eu jamais vou ser nem metade do que eles foram, seja na literatura escrita ou na cotidiana literatura da vida. Assim como Ahab, meu pai parece que passou por muitas situações na vida que o deixaram um homem firme perante a dureza do mundo: mas com inquietações, ambições, grandes feitos. A condução de seu destino vai ser sempre incompreensível para aqueles que embarcaram (ou afundaram) junto à sua vida.



Fonte: <http://outrasconsideracoes.blogspot.com.br/2009/07/moby-dick.html>